

HISTEDBR

BOLETIM “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO”

Grupo de Estudos e Pesquisas HISTEDBR

UNICAMP E UNIVERSIDADES ASSOCIADAS (UFAC, UFAL, UFBA, UEFS, UFES, UFG, CEFET-MA, UFMA, UFMT, UFMS, UFU, UFPA, UFPB, PUCPR, UEL, UEM, UEPG, UFPE, UFPI, UCB, UFRN, UnC, PUC, UNIMEP, UFS)

COMUNICAÇÃO INTERATIVA – PERIODICIDADE MENSAL –
BOLETIM no. 03 / Ano 01 / Setembro de 1999

Comissão Editorial: José Carlos Souza Araújo; José Claudinei Lombardi;
Maria de Fatima Felix Rosar

SUMÁRIO

Editorial

Primeira seção: Debate de Idéias

Segunda seção - Notícias dos GTs HISTEDBR

- Catálogos do NPSE
- GT HISTEDBR de Ponta Grossa
- GT II HISTEDBR do Maranhão
- GT Amazonas
- GT PUCCAMP
- GT Paraíba
- V Seminário - Urgente

Terceira seção - Acontecimentos

- Seminário "História e Educação no Brasil Contemporâneo"
- I Encontro Nacional sobre Educação Tecnológica
- Encontro Internacional de Educação Comparada
- Assembléia da Sociedade Brasileira de História da Educação
- I Seminário Internacional de Educação à Distância
- I Colóquio Marx E Engels - IFCH / UNICAMP
- IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História

Quarta seção - Entrevistas / Depoimentos

- *Raízes da Diferença* - Entrevista com Evaldo Cabral de Mello

Quinta seção- Fontes, Notas e Resenhas

Lançamentos

- *História da Educação - Perspectiva para um Intercâmbio Internacional* - José Luís Sanfelice, Dermeval Saviani e José Claudinei Lombardi (Orgs)
- *Pesquisa em História da Educação: perspectivas de análise, objetos e fontes* - Luciano Mendes de Faria Filho (Org.)
- *Sem-Terra Aprende e Ensina: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais* - Luiz Bezerra Neto.

Dissertações e Teses

- *Escola de Patriotismo: a construção da Argentina e dos argentinos através das performances patriotas escolares* - Gustavo Blazquez (Dissertação)
- *A Nação diante do suicídio de Vargas: uma análise do discurso do PCB* - Flávia Millena Biroli (Dissertação)
- *historiador da vida moderna: uma história da cultura em Walter Benjamin* - Fernando Mendonça Pitta (Dissertação)

Livros

- *História da Educação: sobre as origens do pensamento utilitarista no ensino superior brasileiro* - Olinda Maria NORONHA
- *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC* - José Carlos Reis
- *Essa gente do Rio ... Modernismo e Nacionalismo* - Angela Maria de Castro Gomes
- *Les fazendeiros à l'heure syndicale: representation professionnelle, interets agraires et politique au Brésil, 1945-1967* - Flávio M. Heinz
- *A queda do aventureiro – aventura, cordialidade, os novos tempos em Raízes do Brasil* - Pedro Meira Monteiro
- *Desafios da democratização na América Latina: debates sobre cultura política* - Marcello Barquero (Org)
- *Repensando o Estado Novo* - Dulce Pandolfi (Org.)
- *Sequências Brasileiras* - Roberto Schwarz
- *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia* - Zahidé Lupinacci Muzart (Org.)
- *A política de colonização do Império* - Paulo Pinheiro Machado
- *História da Cia de Jesus no Brasil* - Serafim Leite
- *Na Luta por Direitos: estudos recentes em História Social do Trabalho* - Alexandre Fortes, Antonio Luigi Negro, Fernando Teixeira da Silva, Hélio da Costa e Paulo Fontes (Orgs.)

Periódicos

- Revista Lugar-Comum – UFRJ
- Revista História Oral - Associação Brasileira de História Oral - Número 2 (Junho De 1999)
- Rumos: Os Caminhos do Brasil em Debate / Revista
- Revista Varia História / UFMG - Números 19 e 20

Catálogos

- Catálogo de Documentação Histórica
- Catálogos do NPSE

Outras Fontes

- Coleção Cinta Larga - Professora Carmen Junqueira
- Projeto de Imagens de Publicações Oficiais Brasileiras
- Outras Fontes sobre o Brasil e Localizadas nos Estados Unidos
- Filosofia nas Ruas, nos Bares, Livrarias e Empresas

Sexta seção - Mensagens e Comunicações

- Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Educação "PAIDÉIA"
- Grupo de Trabajo – Educacion, Trabajo y Exclusion Social
- A Expansão das Fontes Virtuais para a Pesquisa em Geral
- Boletín de Historia de la Educacion
- Letra Sin Sangue
- Nas Canárias é implantado "El Silbo" como matéria obrigatória

EDITORIAL

A impossibilidade de produzir o nosso boletim nos dois últimos meses (julho e agosto) nem de longe significa que abriremos mão dessa iniciativa. Em julho tivemos recesso das atividades acadêmicas; em agosto, início das aulas, atividades acadêmicas e administrativas ... tudo isso foi tomando nosso tempo e o resultado é que ficamos, também em agosto, sem possibilidades de confeccionar outro número do Boletim HISTEDBR.

Isso poderia ter sido diferente. É que o acúmulo de trabalho, as férias... manter a lista... confeccionar o Boletim, etc., recai sobre um grupo reduzidíssimo de pessoas. É, por isso, que é fundamental a participação ativa de todos os colegas - tanto na lista, como no boletim eletrônico HISTEDBR. É verdade que esse processo vem ocorrendo, gradativamente. Mas é preciso e urgente que nosso grupo seja uma articulação mais orgânica e que sua existência seja o resultado prático da cooperação do conjunto dos Grupos de Trabalho (GTs) que o compõem.

Sobre o nome do Boletim, alguns colegas perguntaram porque um nome tão esquisito e de difícil pronúncia. A explicação, porém, é simples: quando em 1991 nosso Grupo precisou pensar numa abreviatura para efeitos de comunicação eletrônica... tinha que ter 8 exatos dígitos... E a escolha recaiu sobre a abreviatura com 8 letras de HIST(ória) ED(ucação) BR(asileira).

Recebemos várias mensagens de colegas que não estavam conseguindo abrir o arquivo contendo os números anteriores do Boletim Eletrônico HISTEDBR. Por este motivo, estamos adotando neste número: o formato de gravação Word 6,0 para Windows 95; formatação mais simples (sem o uso de caixa e outras ferramentas), etc. Mantivemos, somente, a estrutura anterior do Boletim, as fontes e cores. Também alteramos o sumário, de modo a que ele expresse os assuntos encontrados em cada seção do Boletim.

Finalmente, estamos às vésperas da realização da 22^a Reunião da ANPEd. Inquestionavelmente esse tem sido o principal evento da educação brasileira e, desde 1984 com a criação do GT de História da Educação, este tem sido o principal espaço de debate da produção de nossa área. Neste ano de 1999, durante essa Reunião Anual, os pesquisadores em História da Educação estão sendo convidados a participar da Assembléia de criação da Sociedade Brasileira de História da Educação - SBHE.

Aos colegas da comissão de redação dos Estatutos da SBHE, e que esteve constituída por Ana Waleska Mendonça, Denice Bárbara Catani, Jorge Luiz da Cunha, Lúcio Kreutz, Marta Maria Araújo e Sílvio Sánchez Gamboa, nós, do HISTEDBR, queremos manifestar nossos agradecimentos.

Primeira seção

Debate de Idéias

Mais do que nunca, a realidade do nosso país e da educação brasileira indica a necessidade de que estejamos refletindo conjuntamente e buscando alternativas para os obstáculos institucionalmente constituídos na atual conjuntura. As crises são seguramente os momentos mais profícuos para que se criem oportunidades de crescimento e, portanto, de transformação.

As evidências por demais concretizadas no Brasil, na América Latina e nos demais continentes de que se esgotou o “modelo de uma democracia formal” tornam-se ainda mais contundentes quando nos defrontamos com episódios como os que atingiram Kosovo e, sobretudo, neste momento o Timor Leste.

Os elementos históricos que contribuíram para que estas e muitas situações semelhantes e ainda mais gigantescas tenham ocorrido neste século, nos remetem à reflexão de que necessitamos debruçarmo-nos ainda mais sobre a história e sobre a história da educação dos diferentes povos para identificar os elementos invariantes que são talvez aqueles que, de fato, acionam os esquemas da opulência e da violência generalizada em tantos cenários distintos, porém igualmente arrasados com os resultados de um certo tipo de resultante de ações humanas essencialmente destrutivas.

Para Gramsci, uma reforma ética seria fundamental no sentido do encaminhamento de processos que pudessem transformar simultaneamente os homens e suas organizações. No final deste século, cabe retomar o sentido filosófico da ética, em lugar do sentido “mercadológico” a ela atribuído nas últimas décadas, impregnadas de uma concepção excessivamente pragmática, condicionada pelos critérios definidos pelo “mercado”.

Retomar os clássicos, rever as teorias educacionais e as práticas pedagógicas em curso, investigar as continuidades e descontinuidades, propor alternativas ao caos e à barbárie. Estes ainda continuarão sendo nossos objetivos, se entendermos que a filosofia e a história resultam da nossa ação individual e coletiva e, portanto, que poderemos estar diretamente implicados na construção de propostas que abram novas perspectivas, apesar dos condicionantes existentes, de modo que possamos assumir de forma mais plena a nossa condição de sujeitos históricos responsáveis pelo desenvolvimento da civilização humana.

Maria de Fatima Felix Rosar

Segunda seção

Notícias dos GTs HISTEDBR

O NÚCLEO DE PESQUISA SOCIEDADE E EDUCAÇÃO - NPSE - GRUPO DO HISTEDBR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, coordenado pela Profa. Dra. Marta Vieira Cruz, publicou dois catálogos de Fontes Primárias e Secundárias da Educação do Estado de Sergipe. O volume I contempla o levantamento de seis instituições, tendo por base 1.279 trabalhos inventariados entre monografias, seriados, referências legislativas e publicações oficiais. O volume II compreende o levantamento de fontes do Conselho Estadual de Educação abrangendo atas, coletâneas, portarias, pareceres e resoluções.

Ao enviar esta notícia, o GT de Sergipe também comunicou que já se encontra conectado à Internet. Com este recurso com certeza o GT está assegurando uma comunicação mais ágil. O endereço eletrônico do grupo é: npse@sergipe.ufs.br.

O GT HISTEDBR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA apresentou sugestão para que o nosso V Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” seja realizado no Primeiro Semestre de 2000, na cidade de Campinas.

Também o GT HISTEDBR de Ponta Grossa noticiou que iniciou a realização da 2ª etapa do Projeto de Levantamento e Catalogação de Fontes Primárias e Secundárias da Educação Brasileira nos municípios de: Imbituva, Ivaí, Ipiranga, Tibagi e Telêmaco Borba (todos no Paraná). Esta nova etapa do projeto conta com a participação de dez professores e estudantes da graduação e pós-graduação, que têm realizado reuniões mensais.

O GT II HISTEDR DO MARANHÃO enviou proposta para a coordenação geral do HISTEDBR, sugerindo que para na organização do V Seminário seja garantida a existência de um Comitê Executivo, constituído por membros do HISTEDBR das diversas universidades associadas, de modo que possa existir uma forma mais coletiva de realização dos trabalhos necessários, bem como se garanta que os GTs de cada estado possam ter a oportunidade de apresentar uma programação mais adequada às dimensões do evento, realizando uma pré-seleção dos trabalhos a serem apresentados no Seminário.

GT AMAZONAS. Os colegas informam que na consolidação do novo currículo do curso de pedagogia da Universidade do Amazonas, propuseram a criação do Núcleo de Educação Brasileira e Amazônica. O grupo entende que esse é um espaço para o urgente resgate histórico-educacional da educação amazônica. O Núcleo é formado por: Francinete Massulo Corrêa (092) 237 2826 (coordenação); Valdete da Luz Carneiro; Valéria Medeiros Wegel; Geraldo Sá Peixoto; Maria Eliane Miranda dos Santos. A correspondência eletrônica deve ser encaminhada para o seguinte endereço: fam@amazonet.com.br.

GT PUCAMP – A Profa. Dra. Olinda Maria Noronha, coordenadora do GT HISTEDBR da PUCAMP, encaminha a seguinte sugestão ao nosso V Seminário: “Quanto ao Tema do V Seminário Nacional de Estudos e ... poderia estar ligado à questão da Produção do Conhecimento em História da Educação. Acho urgente que se pense esta questão, na direção dos debates que vêm sendo desenvolvidos pelo grupo do doutorado da Unicamp, pelo artigo do Saviani no Boletim No.1 do Histedbr, intitulado "Sobre a especificidade do objeto da História da Educação". Justifico a importância do tema porque é assustador o número de dissertações e teses que vem se multiplicando nos cursos de pós-graduação que não tem nenhuma preocupação em problematizar coisa alguma, quanto mais pensar a questão da especificidade do objeto. Ainda mais quando parece estar havendo uma aceitação alegre e despreocupada por parte de setores de pós-graduação em adotar o mestrado profissionalizante e de produzir dissertações em série, como se o mestrado fosse uma simples linha de montagem, onde cada professor através de sua disciplina coloca uma peça para "ajudar" o aluno a elaborar seu artefato (= dissertação), sem estabelecer nenhum tipo de relações. Além disso o tratamento da História como sendo apenas um "cenário para ilustrar ou enfeitar a dissertação" tem me deixado muito preocupada e sobretudo tem me dado um grande trabalho para desmontar esse tipo de postura (...)"

GT PARAÍBA, sob a coordenação do Prof. Dr. Afonso Celso Scocuglia (e-mail: scocuglia@zaitek.com.br), realizará o Seminário "História e Educação no Brasil Contemporâneo", nos dias 26 e 27 de outubro próximos, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Do evento participará o Coordenador Geral do HISTEDBR, Prof. Demerval Saviani.

V SEMINÁRIO - URGENTE: a Coordenação do HISTEDBR está aguardando a chegada de mais sugestões sobre **tema, local, data, e forma de organização** que será adotado no V Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil.

Convidamos todos os demais GTs e colegas da área a se manifestarem, pois já temos um certo atraso no Cronograma de Preparação para a realização do seminário do ano 2000.

Terceira seção

Acontecimentos

SEMINÁRIO "HISTÓRIA E EDUCAÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO"

O GT Paraíba do HISTEDBR fará realizar nos dias 26 e 27 de outubro próximos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) o evento acima. Neste serão tratados temas de grande atualidade e interesse para a área, tais como: História e História da Educação na formação do educador; A pesquisa em História da Educação e o Grupo "História, Sociedade e Educação no Brasil"; História e educação – dilemas e perspectivas; O ensino de História na atualidade e A Pós-Graduação em Educação no Brasil. Além das conferências e mesas redondas, também haverá espaço para lançamento de livros e para comunicações das pesquisas concluídas e em andamento. Para maiores informações entrar em contato com o GT Paraíba - HISTEDBR pelo e-mail de seu coordenador, Prof. Dr. Afonso Celso Scocuglia scocuglia@zatek.com.br

I ENCONTRO NACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

No período de 01 a 03 de outubro será realizado no SINDCEFET-MG, em Belo Horizonte. Esse evento será de grande importância, diante da problemática provocada pelo MEC para as Escolas Técnicas Federais e para os Centros Federais de Educação Tecnológica, ao realizar a implementação da reforma do ensino médio.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO COMPARADA

Com o tema **Educação Comparada na Perspectiva da Globalização e Autonomia** será realizado evento promovido pela Sociedade Brasileira de Educação Comparada, na PUC-RS e UNISINOS, nos dias 27, 28,29 e 30 de outubro. Os resumos de trabalhos a serem apresentados devem ser remetidos por e-mail: proex@puhrs.br até o dia 30/09. Maiores informações: fone (51) 590-3333 (ramal 1105) e, também, com Flávia Werle pelo e-mail: flavia@poa.unisinisinos.tche.br

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - 22^a REUNIÃO ANUAL DA ANPED EM CAXAMBU

Os pesquisadores em História da Educação estão convidados a participar da Assembléia de criação da SBHE, na qual serão apresentados os Estatutos para sua aprovação final, após um processo que se iniciou em setembro de 1997 e que teve uma primeira versão finalizada durante o Encontro de Professores e Pesquisadores em História da Educação, realizado nos dias 22 e 23 de junho, no Rio de Janeiro. Esta versão deverá receber emendas que serão apresentadas e votadas durante a assembléia de Caxambu.

A comissão de redação dos Estatutos constituída por Ana Waleska Mendonça, Denice Bárbara Catani, Jorge Luiz da Cunha, Lúcio Kreutz, Marta Maria Araújo e Sílvio Sánchez Gamboa, disponibilizou a cópia dessa última versão dos estatutos, desde que se encerrou o evento do Rio, para que o maior número de interessados pudesse enviar suas propostas de emenda. Através da Lista HISTEDBR o arquivo com a última versão dos Estatutos foi enviado aos colegas.

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Tema “Estratégias e Tecnologias Inovadoras para uma Educação de Qualidade”. Ocorrerá no período de 22 a 24 de setembro, em Belo Horizonte. Está sendo promovido pela Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT/MG), Fundação Rede Minas de Televisão, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/ARMG), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Para maiores informações contactar Rachel Menezes Carvalho pelo fone (31) 225.8611 / fax: (31) 261.4273 e também pelo e-mail: abtmq@gold.com.br

I COLÓQUIO MARX E ENGELS - IFCH / UNICAMP

Está sendo realizado, entre os dias 16 e 19/11, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, o primeiro Colóquio Marx e Engels. O objetivo do evento, que será formado tanto por mesas-redondas, como por sessões de comunicações, será contribuir para o conhecimento e discussão da teoria marxista. As inscrições para as sessões de comunicações estarão abertas até o dia 30/9.

Mais informações no seguinte endereço eletrônico <http://www.unicamp.br/ifch/> e também no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), CP 6110, CEP 13081-970, Campinas, SP, ou pelos emails da comissão organizadora: cntoledo@uol.com.br, boito@uol.com.br, ranieri@obelix.unicamp.br, tropia@turing.unicamp.br.

IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA

A Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) e o GT Ensino de História e Educação da ANPUH/RS organizam, de 11 a 13/10, o IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História. Os temas são: currículo, formação de professores, história do ensino de história, linguagens alternativas, livro didático, novas tecnologias e produção do conhecimento histórico. Mais informações pelos telefones (055) 332-0458 e 332-7485, pelo e-mail dcs@main.unijui.tche.br, ou na homepage <http://www.unijui.tche.br/dcs/encontro>.

EVENTOS JÁ REALIZADOS , PORÉM MUITO IMPORTANTES. VALE A PENA CONFERIR E BUSCAR AS FONTES

ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO / SBHE

Com o objetivo de discutir a criação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), a Faculdade de Educação da UFRJ sediou, nos dias 21 e 22/6, o encontro nacional de pesquisadores e professores da área. Além da discussão sobre a criação e estatutos da SBHE, o encontro também serviu para reflexão sobre as perspectivas da História da Educação. Mais informações no PROEDES - Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (proedes@anexo.fe.ufrj.br), pelo telefax (021) 541-8392 ou no Anexo da Faculdade de Educação (Sala A11, Campus da Praia Vermelha, RJ - 22.290-240).

SEMINARIO "LITERATURA E HISTORIA" / UFSM

O Curso de Mestrado em Letras e o Departamento de História da Universidade de Santa Maria (UFSM), organizou o seminário "Literatura e História - perspectivas e convergências", dias 02 e 03/8. Mais informações pelo e-mail lithist@cal.ufsm.br.

SEMINÁRIO: INTERPRETAÇÕES SOBRE O BRASIL

O Centro Cultural Banco do Brasil e a Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz promoveram de 01 a 03/09 evento que abordou as grandes linhas de interpretação sobre o Brasil e sobre a sociedade brasileira, usando um enfoque interdisciplinar e visando compreender chaves interpretativas sobre o passado nacional. Maiores informações sobre o registro das conferências pelo telefone (21) 808-2020.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA

Realizou-se no período de 14 a 18 de julho, em Santiago de Compostella, promovido pelo Instituto Padre Sarmiento da Universidade de Santiago, sob a coordenação do Prof. Dr. Carlos Barros, contando com a presença de pesquisadores de todos os continentes. Maiores informações: Instituto "Padre Sarmiento", Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Apartado 26, 15702 Santiago de Compostela. Téf: 981-582044; Fax: 981-582049 - E-mail: had@cesga.es.

XXVI SIMPÓSIO ANUAL DA CEHILA-BRASIL

O XXVI Simpósio Anual da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA-Brasil) foi realizado em Brasília, de 08 a 10/9, e teve por tema "Religiosidades, misticismo e história no Brasil central". Mais informações com Sérgio Ricardo Coutinho (SQSW 304 - Bl. D - apt. 605 - 70673-404 - Brasília, DF) ou para o e-mail serpat.coutinho@nutecnet.com.br.

SEMINÁRIO "MEUS ÍDOLOS, MEUS HERÓIS"

O Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro realizou no período de 17 a 31/8 este evento, com o objetivo de colocar em discussão o culto do herói, buscando refletir sobre os ideais da sociedade atual. Maiores informações sobre o registro das conferências pelo telefone (21) 808.2020.

VI SEMANA DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

O evento foi realizado entre os dias 18 e 19/8 e teve como tema "Cidadania e o reconhecimento do outro" que foi desdobrado na seguinte programação: "Quando cada caso não é um caso : pesquisa etnográfica e educação"; Direitos Humanos, diversidade cultural e diálogo"; O político e o cidadão: o tecer de um desencanto".

SEMINÁRIO BRASIL EM TRANSIÇÃO: um balanço do final do século XX

Foi realizado de 01 a 03/09 pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense. Temas analisados: o novo cenário regional e internacional; o poder local e o federalismo no final do século XX; o papel do Estado nacional na nova ordem mundial; o poder da mídia na construção de uma sociedade mais democrática. A coordenadora geral do evento foi Alzira Alves de Abreu. Para maiores informações use o e-mail: cpdoc@fgv.br.

SIMPÓSIO QUESTÕES DE TEORIA E METODOLOGIA DA HISTÓRIA / UFRGS

O setor de Teoria e Metodologia do Departamento de História e o Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul promoveram o simpósio "Questões de teoria e metodologia da História", de 14 a 19/6. Mais informações pelo telefone (051) 316-6639.

XI JORNADAS DE HISTORIA DE LA EDUCACION

Foi na Universidad Nacional de Quilmes - Argentina, entre os dias 08/09 e 10/09, do qual constaram temas muito relevantes para os estudos e pesquisas historiográficas na área da educação.

A participação de pesquisadores brasileiros foi grande no evento. Como também esteve no evento o Prof. Dr. Dermeval Saviani, coordenador geral do Grupo HISTEDBR, o convidamos para uma matéria sobre o mesmo para o próximo número do nosso boletim.

Quarta seção

Entrevistas / Depoimentos

Raízes da Diferença

(Entrevista com Evaldo Cabral de Mello – Folha de S. Paulo – 12/09/1999)

Folha - "O Norte Agrário e o Império" se ocupa do período de 1871 a 1889, e o sr. sustenta, logo no prefácio do livro, que foi nessa época que a balança do equilíbrio regional começou a pender para os Estados do Sul. O sr. poderia explicar esse processo?

Evaldo Cabral de Mello - O processo de desigualdade já havia começado algum tempo antes de 1871. Mas esse é o tipo de processo que é difícil de datar. Desigualdade regional no Brasil você pode datar a partir da descoberta do ouro em Minas, no fim do século 17, começo do século 18. Foi o primeiro acontecimento que colocou essa região do Brasil na economia internacional. Até então só o que interessava à economia internacional eram Bahia e Pernambuco. A descoberta do ouro jogou essa região Centro-Sul no mercado internacional num momento que havia uma pronunciada regressão da economia do Nordeste. Já se sustentou que a descoberta do ouro em Minas teria incentivado a migração de escravos do Nordeste para o Centro-Sul encarecendo a mão-de-obra e tornando a lavoura canavieira mais onerosa ainda.

Folha - Por que o sr. resolveu pegar esse período especificamente (de 1871 a 1889)?

Mello - Esse é um tema (a desigualdade) muito longo. Primeiro, tem o problema de datação: quando é que começa? Em segundo lugar, você tem o problema que isso é um tema tão complexo e tão vasto que um indivíduo só dificilmente poderia fazer a pesquisa correspondente a todo o assunto. Ia levar a vida toda.

Folha - Foi seu segundo livro, não foi? E o sr. demorou dez anos..

Mello - É, foram quase dez anos. Eu então resolvi me concentrar num período. E por que esse? Porque no fim do Império é que o Estado imperial começa a atuar -como se diz agora em Brasília - como indutor do desenvolvimento.

Folha - No caso, do Sul...

Mello - Não. Só a partir de 1860, 1850, com as primeiras estradas de ferro, que foram rateadas por D.Pedro 2º, que o Estado começou a ter recursos para dar garantias de juros, dar outras vantagens, levantar empréstimos lá fora... Não adiantava eu procurar a disputa em torno das divergências regionais a propósito da capacidade de investimento do Estado no período anterior. Porque até 1850/60 o Estado brasileiro estava numa confusão tal que tratava apenas de manter à tona. É a partir de 1850/60 que ele começa a ter condições de atuar. Então eu escolhi esse período. O segundo ponto: eu tinha que especializar a documentação, as fontes. Não podia ver tudo. Ou então eu teria que ler a imprensa periódica de Pernambuco, da Bahia e a do Rio de Janeiro, pelo menos.

Folha - Isso é um pouco a sua técnica de investigação. Acho que o sr. escolhe um período e tenta exaurir todas as fontes possíveis dentro dele.

Mello - Não, eu não exauri, justamente porque era impossível exaurir. Então eu tive que me concentrar nos anais do Parlamento do Império e nos relatórios dos ministérios ligados especialmente à área econômica, que eram os da Fazenda e o da Agricultura, que naquele tempo era Agricultura, Indústria e Comércio. Qual é o valor dessa documentação? É que o

Parlamento do Império é o lugar onde eram tomadas todas as decisões. Em todo o caso, não havia documentação para você reconstituir certos aspectos importantes: debates dentro do próprio governo, a disputa entre os ministros dentro de cada gabinete. Não há documentação sobre isso. O que aparece sobre isso é o que está nos anais do Parlamento do Império. Isso raramente vinha à tona porque, como era regime parlamentarista, havia a ficção da solidariedade do ministério. Não era possível ver também os grupos de pressão, a não ser também por meio dos anais, onde eles faziam representações ao Parlamento.

Folha - O sr. procura mostrar essa mudança (do equilíbrio regional) por vários aspectos, como a questão da mão-de-obra.

Mello - Uma vez resolvido o período e a documentação, eu tinha que isolar os temas de disputa regional que fossem mais frequentes. Porque não caberia escrever sobre tudo. Aí eu escolhi esses seis temas que foram realmente os principais: a abolição do tráfico interprovincial de escravos, a imigração estrangeira, o crédito à lavoura, os engenhos centrais, as estradas de ferro e os portos, e aquele último capítulo sobre o qual não havia nada -eu não encontrei nada, salvo uma crônica de Machado de Assis. Simplesmente não há um livro de história do Brasil, econômica ou o que seja, que se refira àquela disputa que houve em tomo dos impostos provinciais, que era muito importante porque, na verdade, era uma disputa sobre o rateio da arrecadação entre o governo central e os governos provinciais.

Folha - A reedição do livro me parece bastante atual, porque a discussão sobre desequilíbrio regional está na crista da onda. Uma coisa que me chamou a atenção é que o sr. mostra que o Norte detinha a maioria do gabinete. De certa maneira, hoje no Congresso, o Norte e o Nordeste detêm uma força muito grande. E, no entanto, não conseguem - como na época não conseguiam - reverter isso em poder econômico, para aumentar investimentos. Ou o sr. acha que a situação é diferente hoje?

Mello - É diferente, porque a capacidade do Estado é diferente etc. e tal. Mas é verdade que, apesar desse poder que eles tinham, eles não conseguiram inverter (no sentido de investir). Mas não conseguiram inverter por quê? Aí eu deixo em suspenso, porque eu não estava disposto a entrar num assunto que é de interesse teórico em matéria econômica: será que o Estado é suficiente para reverter um processo?

Folha - Aparentemente não.

Mello - Aparentemente não. Mas evidentemente o Estado pode mexer com muita coisa. O Estado conseguiu criar um fluxo de migração estrangeira para São Paulo -o Estado imperial e o Estado da Província. Em relação ao Rio Grande do Sul e ao Prata, São Paulo estava em uma posição muito desfavorável. Porque o colono que vinha ia para o café, enquanto no Sul ele recebia propriedade. De modo que o Estado pode alguma coisa, tanto que para São Paulo ele funcionou.

Folha - Deixada às vias do mercado, a imigração não iria naturalmente para São Paulo?

Mello - Eu não digo que não iria ninguém. Mas não teria ido na mesma proporção que foi. Foi uma ação subsidiária. E, mesmo quando o ministro Buarque de Macedo conseguiu acabar com a imigração subsidiada, que era uma maneira de o Norte protestar contra a disparidade, veio o governo do gabinete João Alfredo cujo ministro da Agricultura era Antonio Prado, e voltou imediatamente com a imigração subsidiada como uma forma de transação entre o Norte e o Sul: dava engenho central para o Norte e dava imigração subsidiada para o Sul.

Folha - O sr. acha que a história explica a desigualdade regional de hoje?

Mello - A história ajuda a explicar tudo, desde que você se dê ao trabalho de voltar no tempo procurando reconstituir todas as seqüências causais. O problema é você poder falar da coisa com seriedade, dispondo do material, das fontes.

Folha - O "Norte Agrário" se ocupa de um período que é quase uma exceção na sua obra. Basicamente, a maioria dos livros fala do período de ocupação holandesa e suas conseqüências...

Mello (rindo) - Eu não passei ainda de 1715...

Folha - Teve algum motivo para o sr. mudar de datas?

Mello - Teve, teve. Eu tinha acabado de fazer o "Olinda Restaurada" e, quando você acaba um livro, dá sempre uma certa angústia, porque você tem a impressão de que não vai conseguir escrever mais nada, não vai se interessar, não vai encontrar tema. Aí você fica com uma certa ansiedade, obrigado a descobrir imediatamente um outro tema. Eu estava muito cansado do período holandês. E, conversando com José Antônio Gonsalves de Mello (seu primo e também historiador), ele me mostrou um artigo que tinha feito muitos anos atrás sobre o protesto regional. E era um tema que estava vivo na época. Hoje está voltando de novo com esse negócio da Ford na Bahia. Aí eu vi que era um negócio de enormes proporções. Eu vi que eu tinha que restringir o ângulo ao processo de discussão no Segundo Reinado, que eu espero ter conseguido reconstituir.

Folha - O sr. se considera um historiador regional. Mas todas as suas obras têm uma contextualização que sempre coloca Pernambuco ou o Norte em relação ao país, quando não em relação ao mundo, como em "O Negócio do Brasil" que, como já foi dito, é uma das raras contribuições da historiografia brasileira para a historiografia européia. Mesmo assim o sr. se considera um historiador regional?

Mello - Não é culpa minha que a história regional tenha essas ramificações nacionais e internacionais. Essas ramificações não são uma invenção minha. São ramificações que você encontra ao longo da pesquisa histórica. O problema é que os historiadores brasileiros tendem a escrever história do Brasil como se só existisse o Brasil. O tema da imigração estrangeira é só tratado nos termos do Brasil. Nunca ninguém pensou, por exemplo, em fazer um estudo detalhado de como essa migração estrangeira para o Brasil no século passado se encaixava nos grandes movimentos demográficos da Europa naquele período. O problema é a limitação que a compartimentalização da história nacional cria. Mas, exatamente porque eu sou historiador regional, eu sou capaz de ver essas ramificações não-nacionais. Provavelmente, se eu fosse um historiador nacional, eu teria me aquietado com as fronteiras do país e não teria procurado extrapolá-las.

Folha - Quais o sr. diria que são os principais historiadores brasileiros vivos?

Mello - Há vários. José Murilo de Carvalho, Fernando Novais, Carlos Guilherme Mota, João José Reis, Luiz Felipe Alencastro. É o que não falta.

Folha - Quais o sr. diria que são hoje os principais buracos da historiografia brasileira?

Mello - Eu inverte a sua pergunta: a historiografia brasileira é um buraco, apenas há pontos que são mais aterrados. Tudo mundo gosta de falar de história do Brasil, mas ninguém quer pagar o ônus da pesquisa histórica. É uma coisa chata. É uma coisa que custa dinheiro. Tem esse negócio de você ir aos arquivos, onde os serviços de infra-estrutura, tanto aqui quanto em Portugal, são muito fracos. A maior parte da historiografia brasileira que se escreveu da Independência para cá carece muitas vezes de embasamento documental. São muito poucos os grandes historiadores brasileiros que foram também grandes pesquisadores.

Folha - Quais?

Mello - O primeiro deles, (Francisco Adolfo) Varnhagen, foi um grande pesquisador, conheceu tudo, viu tudo. (João) Capistrano (de Abreu) também, embora tivesse a limitação de que ele nunca saiu do Brasil, de modo que ficava chateando as pessoas em Portugal para copiar documento, procurar documento para ele e mandar. Todos esses empecilhos já estão sendo levantados hoje, com a facilidade do fax, desses CD-ROMs que vão reproduzir documentos e que vão permitir a você trabalhar em casa. Daqui a alguns anos ninguém irá mais a arquivo para consultar documentos, você terá tudo em casa. Mas é muito difícil de fazer porque, sobretudo no Brasil, tudo desencoraja a fazer pesquisa histórica, inclusive o fato de você estar longe. Eu imagino que, se eu não tivesse ido ser diplomata, eu nunca teria sido historiador. Porque simplesmente eu não teria as facilidades que eu tive de pesquisa.

Folha - O sr. diria que a maioria do material que o sr. pesquisou para fazer os seus seis livros está no Brasil ou em Portugal?

Mello - A maioria está em Portugal. Mas, evidentemente, há uma enorme quantidade de documentos aos quais você tem um acesso fácil, porque já foram publicados em livros. Mas em um dos meus livros, "A Fronda dos Mazombos", toda a documentação é manuscrita. Eu ia todo dia ao Arquivo Ultramarino (em Lisboa) apenas para selecionar os documentos e encomendar a sua microfilmagem. Depois eu mandava reproduzir em papel, no tamanho original, os documentos. E então eu ia ler o documento em casa, à noite e no fim-de-semana. Eu pegava cada documento mais interessante e copiava, que é uma das melhores coisas, e que as pessoas não querem fazer mais porque dá trabalho. É a velha técnica dos historiadores do século 19. Copiando, a sua apreensão do documento é muito mais completa do que se você só ler o documento. Se você pega um documento que já vem pontinho, você acaba pegando pela rama, lhe escapam coisas que normalmente não escapam quando você se detém no documento.

Folha - E o sr. ficha essas informações?

Mello - Não.

Folha - E como o sr. faz para se lembrar?

Mello - Você escreve. Eu sou incapaz de escrever um livro de história de fio a pavio. Normalmente se faz toda a pesquisa e, depois, você redige o livro. Isso para mim é impensável. Se eu fizesse assim, eu só faria a pesquisa. Porque no momento em que eu tiver acabado de fazer a pesquisa eu já conhecerei o assunto e não me interessaria absolutamente em escrever. Eu faço o livro como quem arma um "puzzle" (quebra-cabeça). Você não inicia necessariamente pelo primeiro capítulo. Eu inicio por aquilo que está primeiro me interessando mais. O próprio documento vai lhe sugerindo os caminhos. Ou você faz a coisa com prazer ou não faz. Há muitos aspectos que só me ocorrem depois de ter começado a escrever. Eu reuno uma certa quantidade de material e me vem uma série de idéias. No processo de desenvolver aquelas idéias, me ocorrem outras coisas e eu volto para a documentação. De modo que é uma ponte aérea entre o documento e a redação. Se não, é um caso de apatia intelectual. Eu não sei como uma pessoa é capaz de fazer pesquisa durante um ano ou dois sem lhe dar a necessidade de articular alguma coisa em relação aquilo que você já leu. É excesso de organização.

Folha - Como é ser um historiador fora da academia? Ajuda ou atrapalha?

Mello - Tem vantagens e desvantagens. A academia como toda instituição, tem suas idéias. Se a instituição lhe dá uma série de facilidades e de estímulos, elas também cerceia sua iniciativa

ou pelo menos lhe coloca uma camisa-de-força, quando mais não seja pelo formato da monografia.

Folha - O sr. nunca partiu de uma tese para ser confirmada?

Mello - A certa altura da pesquisa surgem as hipóteses, aí você confirma ou não, mas, em princípio, eu chegava à documentação apenas pelo interesse de ler a documentação. Ainda hoje eu sinto a falta. Ler documentação é como se fosse uma droga.

Folha - Depois de ler os originais fica chato ler o livro de um autor de história?

Mello - Se a documentação é dispersa, você prefere ler no autor. Mas, se a documentação estiver toda pronta, publicada em volumes, eu prefiro ler o original. É muito mais rico.

Folha - Quais seriam obras fundamentais para conhecer a história do Brasil?

Mello - Em relação a que período?

Folha - Colonial.

Mello - A essa altura eu não aconselharia mais ninguém a ler a "História Geral do Brasil" do Varnhagen. É um livro mais para consulta, porque tem muito detalhe. Mas a idéia que ele passa da história não prende. Não é uma história que interesse. Um livro muito interessante são os "Capítulos de História Colonial" (Capistrano de Abreu). É uma síntese muito melhor. De certo modo, foi o homem que descobriu a história do interior do Brasil. Ele escreveu sempre de costas para a Europa. Ao contrário de outros, como Oliveira Lima, que era mais ou menos da mesma geração, um pouco mais velho, que escreveu de costas para o Brasil, porque explorou todas as conexões portuguesas. "D. João 6º no Brasil", de Oliveira Lima, é indispensável. Eu tenho medo de cometer injustiça esquecendo algum. Há um livro pequeno, mas que é muito interessante, que é o primeiro livro, na verdade, sobre história da vida privada escrito no Brasil e que está meio esquecido: é Alcântara Machado.

Folha - "Vida e Morte do Bandeirante".

Mello - Ele não era historiador profissional. Era um escritor de ficção. Ele pegou a documentação de vários volumes de testamentos e inventários dos bandeirantes paulistas, que tinha acabado de ser publicada pelo Washington Luís, quando foi governador de São Paulo.

Folha - Washington Luís era bom historiador?

Mello - Não, era fraco. E como e político também. Mas foi um dos poucos políticos brasileiros que teve a idéia de publicar documentação. A produção dele era medíocre ("Na Capitania de São Vicente"), mas a contribuição dele é de muitos volumes de "Inventários e Testamentos" (atualmente no 472) e dos "Anais" da Câmara Municipal de São Paulo.

Folha - E o que o sr. acha de Afonso d'E. Taunay?

Mello - É como diziam: "Taunay é terrível. Quando vai resumir um documento, o resumo acaba ficando maior do que o original". Um historiador como Taunay é típico das limitações e das virtudes da historiografia brasileira pré-universitária. Ele conhecia conscienciosamente toda a documentação. Mas história não é só conhecer a documentação. É como os franceses gostam de dizer "Depois da pesquisa, a síntese". É a forma pela qual você vai plasmar no texto a documentação que você leu, as informações que entraram na sua cabeça. E aí, nessa hora, essa historiografia clássica do Brasil fraqueja. Taunay deixou uma obra enorme: a história das bandeiras paulistas, a história do café em São Paulo. Mas é muito chato de ler.

Não tem um discurso historiográfico. Na hora de se exprimir, não tem qualidade literária. História não é só conhecimento não, a história é também expressão literária.

Folha - É a narrativa.

Mello - Capistrano de Abreu, Oliveira Lima também, narravam muito bem. Isso é uma das coisas mais curiosas que se passou com a história nesse século, com essa coisa de história econômica, história antropológica, história ecológica... Em história você tem dois tipos de dimensões: uma diacrônica - a dimensão da narrativa, da concatenação dos fatos, e você tem uma dimensão sincrônica, como a do antropólogo. Ele não narra nada, o antropólogo descreve, compara. O sociólogo também. São duas dimensões que não são incompatíveis. Pelo contrário, todo bom historiador tem as duas coisas. Mas você tem grandes livros de história que são só de descrição, que não há causalidade.

Folha - Como é isso no Brasil?

Mello - No Brasil, essa dimensão sincrônica não foi trazida pelos historiadores. Até a universidade, os historiadores ficaram na dimensão diacrônica. Quem trouxe a dimensão sincrônica foram as pessoas que tinham formação extra-história, como Gilberto Freyre em "Casa Grande & Senzala"

Folha - Sérgio Buarque de Holanda também

Mello - Também. Mas isso já é uma dimensão muito recente, dos anos 30 para cá. Os historiadores brasileiros até essa época eram narrativos. Mas aí, ou você escreve muito bem, ou você se arreventa. Perde a graça. E eles não sabiam escrever. No Brasil, se você sabia escrever você ia ser poeta, ou romancista, não ia ser historiador. Eles divulgaram muita documentação histórica, mas não ficou nenhuma obra histórica definitiva. Hoje você tem o problema inverso no Brasil. A universidade criou um tipo de monografia, que é um discurso que dá ênfase ao descritivo. E perdeu-se completamente a dimensão diacrônica. Então o historiador brasileiro hoje não sabe narrar. Sabe expor, descrever, interpretar coisas, aliás, que são muito mais difíceis do que narrar. Mas em história você não pode escapar da narrativa.

Folha - Será por isso que esses livros de história escritos por jornalistas, que são baseados na narrativa, têm feito tanto sucesso?

Mello - É. O problema do historiador é que ele resolveu ser muito profundo. E competir com o sociólogo, com o antropólogo. O historiador, desde a Antigüidade clássica, é apenas um cidadão cujo interesse consiste na história que ele conta. O historiador, ao contrário do que se pensa, não está aí para revelar as leis do desenvolvimento social. Você testa o historiador pelo objeto que ele escolhe para narrar e, em segundo lugar, como ele narra. A história não é mestra da vida, nada disso. "A história vai ser", como dizia Fernand Braudel, "a grande sintetizadora das ciências humanas". Isso não dá mais. A história é apenas uma atividade intelectual cuja dimensão fundamental, sendo diacrônica, lhe confere uma originalidade que não é a das outras ciências humanas. Também é preciso fazer a divulgação histórica: a ponte entre o conhecimento do especialista e o interesse do leitor. Você tem que saber para quem você está escrevendo. Eu escrevo para especialista, mas a minha alternativa era fazer divulgação histórica. Eu não tinha interesse nisso, eu estava interessado em aprofundar e ampliar o conhecimento de um determinado período.

Folha - Qual o tema que mais lhe interessa hoje em dia? Qual seu próximo livro?

Mello - Há um assunto que está me interessando, mas não sei ainda se vou botá-lo para frente. Escrevi "O Negócio do Brasil" porque era um assunto que não tinha nada a respeito, não se sabia nada. Quando eu disse as coisas mais óbvias, como o Nordeste foi comprado à

Holanda... "Foi comprado?" Lógico. "Mas nós não ganhamos uma guerra?" Claro que tínhamos uma guerra, mas ao fim de toda guerra tem uma coisa chamada "tratado de paz", e aí se prevê uma compensação para quem cede alguma coisa, é um tomaládácá.

Folha - A guerra tinha acabado no Brasil, mas havia prosseguido da Europa.

Mello - Qualquer dia desses isso ia me criar problemas em Pernambuco. Para retificar essa idéia, eu estou pensando em fazer um volume das mesmas dimensões de "O Negócio do Brasil", que seja um volume gêmeo, no qual eu narro os acontecimentos da guerra de Pernambuco. Como você vê, em "O Negócio do Brasil" eu supus que o leitor já sabia dos fatos. Eu procurei fazer apenas umas referências muito breves ao que acontecia no Brasil. Agora a minha idéia é pegar a perspectiva recíproca: os acontecimentos no Brasil a partir de 1641, da Restauração (do trono português, até então sob domínio espanhol), a partir da conspiração para se promover um levante no Brasil holandês, e aí vou até os nove anos de guerra. Sobre o aspecto internacional, eu preciso apenas fazer uma referência, porque eu já escrevi antes. O outro foi um livro de história política e diplomática, esse seria um livro de história política e militar. Mas, como no caso do anterior, a ênfase dele seria sempre na concatenação dos acontecimentos em termos das decisões dos políticos, militares. Não há essa coisa de história maciça, que faz um capítulo enorme sobre economia, outro sobre relações sociais, nada disso.

Folha - Eminentemente narrativo.

Mello - Sim, mas evidentemente nunca se escapa de algumas coisas sincrônicas. O que eu gosto mesmo é ver o indivíduo que tem que tomar uma decisão às voltas com essa decisão que ele tem que tomar. Isso é uma coisa que me fascina, é aquela que me interessa escrever. É uma questão de renovação, para você não se chatear, não se entediar escrevendo, permanentemente, o mesmo livro.

Quinta seção

Fontes, Notas e Resenhas

LANÇAMENTOS NA REUNIÃO ANUAL DA ANPEd

A Editora Autores Associados e o HISTEDBR estão lançando mais um livro: **História da Educação - Perspectiva para um Intercâmbio Internacional**, organizado por José Luís Sanfelice, Dermeval Saviani e José Claudinei Lombardi. Esta obra reúne contribuições de estudiosos da História e da História da Educação da Espanha, Argentina, Chile, Uruguai, Itália, Portugal e do coordenador do GT História da Educação da ANPEd, do Brasil, resultantes do III e do IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil". O intercâmbio internacional no âmbito da História da Educação, a oportunidade de se avançar da troca de experiências já realizadas para a formulação de projetos de pesquisa conjunta ou sobre temas comuns é, em última instância, o sentido da publicação e um instrumento pelo qual o HISTEDBR socializa parte dos principais resultados obtidos com a realização dos eventos citados.

A HG Edições, de Belo Horizonte, está lançando o livro **Pesquisa em História da Educação: perspectivas de análise, objetos e fontes**, organizado por Luciano Mendes de Faria Filho. Esta obra reúne 13 trabalhos apresentados no GT de História da Educação, na Reunião Anual da ANPEd de 1998 e, sem dúvida, aglutina parte significativa do que vem sendo discutido e pesquisado no Brasil. Os trabalhos tratam de temas e recortam objetos os mais variados e o fazem a partir de um amplo leque de posturas teórico-metodológicas. Num momento de grandes transformações na área, o livro expressa o esforço do GT de História da Educação da ANPEd em constituir-se em um espaço da crítica acadêmica fundamentada, da divulgação e do debate das diversas perspectivas de trabalho em História da Educação.

A Autores Associados também estará lançando, na Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, o livro **Sem-Terra Aprende e Ensina: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais**, de Luiz Bezerra Neto. O livro faz um resgate histórico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, possibilitando ao leitor uma melhor compreensão de sua inserção na sociedade e das contradições existentes em seu interior. Também é apresentado o estado do debate sobre a Reforma Agrária no país, articulando o MST ao conjunto das lutas dos trabalhadores rurais no Brasil. O principal objetivo da obra, porém, é analisar as práticas educativas e formativas desenvolvidas pelo MST ao longo de sua história. Ao tomar a educação como objeto de investigação, a análise recai ainda sobre a formação dos educadores e sobre a polêmica das matrizes teóricas e metodológicas adotadas pelo movimento.

DISSERTAÇÕES E TESES

Gustavo Blazquez (actos@arnet.com.ar) defendeu o trabalho: *Escola de Patriotismo: a construção da Argentina e dos argentinos através das performances patriotas escolares*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada ao

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional / UFRJ. O trabalho apresenta os resultados de pesquisa que investigou as performances que acontecem nas escolas de primeiro grau na Argentina por ocasião das datas cívicas. Esses rituais são chamados de "actos escolares". Conjuntamente com este trabalho etnográfico, foi realizada uma pesquisa de cunho histórico procurando reconstituir a sóciogênese dessa forma social a partir do levantamento etnográfico da Revista do Consejo Nacional de Educación, publicada desde o final do sec. XIX.

Flávia Millena Biroli defendeu, em 1999, dissertação de mestrado em História na UNICAMP, intitulada "*A Nação diante do suicídio de Vargas: uma análise do discurso do PCB*", orientada por Italo Arnaldo Tronca. Este é o resumo do trabalho feito pela autora: "Esta pesquisa estuda o conceito de nação presente no discurso do Partido Comunista do Brasil (PCB), comparado ao discurso de veículos da imprensa, no início dos anos 50, no Brasil. Analisamos a dinâmica pela qual o acontecimento da morte de Getúlio Vargas, ocorrido em 24 de agosto de 1954, se insere na estrutura desses dois discursos, sempre atentos às semelhanças e diferenças existentes entre as nações que enunciam. Apesar de a morte de Vargas forçar uma reconfiguração dos dois discursos, verificamos que isso se dá justamente no sentido de preservar as perspectivas enunciadas. No discurso da imprensa, o desenvolvimento nacional significa a preservação de estruturas de poder vigentes e, com elas, das desigualdades sociais, enquanto, no discurso do PCB, o desenvolvimento significa a superação das estruturas vigentes por meio de uma colaboração entre as classes que traz, sempre implícita, a promessa de centralização do poder nas mãos do partido. Apontadas as diferenças, destacamos a presença, nos dois discursos, de uma 'razão autoritária'. A abordagem metodológica da pesquisa se constrói no limite entre duas disciplinas, a história e a lingüística (mais especificamente, a análise do discurso) e permite deslocar as perspectivas predominantes nos dois discursos, apontando para a constituição dialógica da linguagem e da própria história." Endereço da autora para contato: Rua Antonio Sachi, 351/31 Bl. Jacarandá- 13093-070 - Campinas, SP.

Fernando Mendonça Pitta (fpitta@uol.com.br) defendeu, dia 29/3, dissertação de mestrado em História da Cultura, na Unicamp, intitulada "O historiador da vida moderna: uma história da cultura em Walter Benjamin", orientada por Edgar Salvadori de Decca. Este é o resumo do trabalho, feito pelo autor: "A pesquisa de mestrado pretendeu abrir uma via para a abordagem dos escritos de Walter Benjamin sobre 'Paris do século XIX' sob a ótica da história da cultura. Primeiramente, procurou analisar o que o autor concebia como história da cultura, bem como seu procedimento de historiador e crítico, centrando-se, principalmente, nas questões relativas à crítica materialista da cultura, a partir da análise do seu ensaio 'Fuchs, colecionador e historiador'. A seguir, estabeleceu-se em Georg Lukács e em sua crítica do romance histórico, um termo de comparação para a análise de questões referentes ao objeto artístico e sua construção como o objeto histórico, ao estatuto da experiência histórica e a relação entre ambos dentro da história crítica da cultura exercida por Benjamin."

LIVROS

História da Educação: sobre as origens do pensamento utilitarista no ensino superior brasileiro, de Olinda Maria NORONHA, Campinas, SP : Editora Alínea, 1998. Trata-se de um estudo que tem como proposta analisar o desenvolvimento do ensino superior no Brasil , a partir de uma indagação central, qual seja, a de investigar sobre as origens históricas e conceituais do caráter utilitarista de ciência que se manifestou no ensino superior nas Colônia e no Império. Informações com a autora pelo e-mail: < wwolinda@correionet.com.br >.

A Editora FGV lançou **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**, de José Carlos Reis, que analisa interpretações do Brasil de Varnhagen, Capistrano de Abreu, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr., Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso. O livro pode ser adquirido pelo telefone (21) 536-9110, ou através do seguinte e-mail: editora@fgv.br.

Essa gente do Rio ... Modernismo e Nacionalismo, de Angela Maria de Castro Gomes. A obra, cujo lançamento ocorreu no dia 18/8 na Livraria FGV, faz uma interse o da história política e cultural do país, a partir da análise do polo cultural que se constituíra no Rio de Janeiro, onde se concentrava grande parte dos intelectuais da época.

Les fazendeiros   l'heure syndicale: representation professionnelle, interets agraires et politique au Brésil, 1945-1967, de Flávio M. Heinz. A obra compreende estudo sobre as rela es entre o patronato rural e diferentes setores do Estado brasileiro interpelados pelas questões agrárias e agrícolas, no período de 1945 a 1967, a partir da reconstru o da trajetória da Sociedade Rural Brasileira e da Confedera o Rural Brasileira. Encomendas da obra podem ser feitas no site da editora: <http://www.septentrion.com> - na série Theses   la Carte.

A queda do aventureiro – aventura, cordialidade, os novos tempos em Raízes do Brasil, de Pedro Meira Monteiro, publicado pela Editora da UNICAMP. O autor mostra que a reflexão de Sérgio Buarque em Raízes do Brasil se diferencia das outras obras clássicas de 30, em especial Casa Grande e Senzala, Sobrados e Mucambos, porque rompe com o continuum personalidade/cultura, graças   utiliza o da metodologia weberiana. O site da Editora da UNICAMP   : <http://www.editora.unicamp.br>

Desafios da democratiza o na América Latina: debates sobre cultura política, organizado por Marcello Barquero (Editora da UFRGS). O livro   resultado de um esforço coletivo de pesquisadores sobre a temática da América Latina e os rumos da política na região. Mais informa es pelo e-mail: barquero@vortex.ufrgs.br

Repensando o Estado Novo, de Dulce Pandolfi, reúne 18 artigos, agrupados em seis blocos nos quais esmiu a essa fase obscura e autoritária do governo de Getúlio Vargas, marcada pela ausência dos direitos políticos e pela precariedade das liberdades civis. Para adquirir essa relevante obra, acessar a editora da FGV via e-mail: editora@fgv.br ou pelo fax (21) 369155. Também pelo site <http://www.fgv.br/editora/publicacao/>

Sequências Brasileiras, de Roberto Schwarz, Companhia das Letras, considerado por Sérgio Miceli (Jornal de Resenhas, do dia 11/09/99 – Folha de São Paulo, um livro que “remexe a fundo com os alicerces da tradição intelectual que se constituía na Universidade de São Paulo, em letras, filosofia e ciências sociais”. Continuando, diz Miceli que Roberto Schwarz é um dos mais apetrechados críticos da cultura nestas paragens.

Escritoras brasileiras do século XIX: antologia, organizado por Zahidé Lupinacci Muzart, acaba de ser lançado pela Editora Mulheres e custa R\$ 60. O projeto do livro, apoiado pelo CNPq, consistiu em pesquisar a obra de 52 mulheres brasileiras que escreveram no século XIX. O livro vem corrigir uma série de idéias de que a mulher brasileira no século XIX permanecia apenas ligada à esfera doméstica. Os textos resgatados são acompanhados de uma introdução atualizada e bibliografia. A seleção inclui autoras das diversas regiões do país, com amostras representativas de prosa periodística, ensaio, memórias, narrativa e poesia.

A Editora da UFRGS, lançou o livro **A política de colonização do Império**, de Paulo Pinheiro Machado, pela coleção Síntese Rio-grandense. O livro trata das diferentes políticas do Estado Brasileiro, durante o sec. XIX, para a formação de uma camada social de pequenos agricultores de origem européia nas províncias meridionais. Exemplares podem ser adquiridos pelo telefone (51) 224-8821.

Acaba de ser reeditada, em edição limitada (500 exemplares), a obra de Serafim Leite **História da Cia de Jesus no Brasil**, em 10 volumes, por R\$ 850,00. Mais informações pelo e-mail memori@macbbs.com.br.

A Editora da Universidade Estadual de Campinas (Edunicamp) lançou **Na Luta por Direitos: estudos recentes em História Social do Trabalho**, organizado por Alexandre Fortes, Antonio Luigi Negro, Fernando Teixeira da Silva, Hélio da Costa e Paulo Fontes. O livro procura rediscutir o processo de formação da classe trabalhadora brasileira entre 1930 e 1964, analisando temas como industrialização, urbanização, populismo, estrutura sindical, e greves, entre outros. O livro contém ainda uma entrevista com Daniel James e John French, especialistas em história do trabalho latino-americana, da Duke University, Estados Unidos. Mais informações pelo e-mail editora@unicamp.br ou através da homepage <http://www.editora.unicamp.br>.

PERIÓDICOS

REVISTA LUGAR- COMUM – UFRJ – Revista publicada pelo Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (Nepcom) trazendo no seu número 7 a seguinte temática: “Lugar-comum, estudos de mídia, cultura e democracia”. Mais informações pelo e-mail lugarcomum@cfch.ufrj.br, pelo fax (21) 295-5144 ou pela homepage: <http://www.cfch.ufrj.br/lugarcomum/index.html>.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL

Saiu o número 2 (junho de 1999) da revista História Oral, da Associação Brasileira de História Oral. Esta edição traz o dossiê "Violência e política" com os seguintes artigos: "Memória e identidade do exílio sul-americano no México", por Eugenia

Meyer e Pablo Yankelevich; "A Percepção da ditadura: exilados da República espanhola entre Franco e Peron", por Dora Schwarzstein; "Exílio: refazendo identidades", por Denise Rollemberg; "Silêncio e reação popular: reflexões sobre a gênese e evolução dos E.T.A.", por Miren Alcedo Moneo; "Memórias da guerrilha: a disputa de um valioso capital", por Marcelo Bittencourt.

Além do Dossiê, esta edição traz ainda, a entrevista "Como a História Oral chegou ao Brasil?" com Aspasia Camargo, por Maria Celina D'Araujo, e os seguintes ensaios: "Ensaio sobre a memória anarquista: a história como ficção coletiva", por Edgar de Decca; "Os dilemas sociais do patrimônio: usos, 'inflação' ou 'hiperinflação' de História?", por Monica Lacarrieu; "Ciência, indústria e soberania nacional: a política tecnológica brasileira dos anos 70", por Carlos Eduardo Barbosa Sarmento. O endereço da revista é: Praia de Botafogo, 190 11o. andar, 22253-900, Rio de Janeiro, RJ - telefone (021) 536-9275 ou pelo fax (021) 536-9421.

RUMOS: CAMINHOS DO BRASIL EM DEBATE/ REVISTA

Acaba de sair o terceiro número da revista "Rumos - Os Caminhos do Brasil em Debate", publicação comemorativa do V Centenário do Descobrimento do Brasil. Este número tem como tema "Brasil - Portugal: o legado ambivalente" e conta com os seguintes ensaios: "O culto do clientelismo", de Aspasia Camargo; "Depois do Brasil", de Evaldo Cabral de Mello; "A civilização contra a sociedade", de Miriam Dohnikoff; "Flor entre cascalhos", de Evanildo Bechara; "O diálogo interrompido", de João Almino; "A poética do descentramento", de Graça Capinha; "Derrota do desejado, triunfo do encoberto", de Jacqueline Hermann. Mais informações pelo e-mail branow@mandic.com.br.

REVISTA VARIA HISTÓRIA / UFMG

Já saíram os números 19 e 20 da Revista Varia História do Departamento de História da UFMG. O conteúdo pode ser visto consultando a homepage <http://www.fafich.ufmg.br/his/revista.htm>. Os próximos números contam com os seguintes dossiês: "Brasil 500 anos" e "Historia e Natureza". Mais informações e envio de artigos através do e-mail variahis@dedalus.lcc.ufmg.br.

CATÁLOGOS

CATÁLOGO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Foi lançado o Catálogo Parcial do Setor de Documentação Histórica do Laboratório de Estudo do Espaço Antrópico da Universidade Estadual do Norte Fluminense. O catálogo traz a relação dos documentos avulsos do século XVIII e livros do século XIX, do Acervo Museu de Campos, produzidos pela Câmara Municipal de Campos. Este é o primeiro instrumento de pesquisa organizado pelo Projeto de Gestão Documental do Setor de Documentação Histórica. Mais informações pelo e-mail simonne@uenf.br.

CATÁLOGOS DE FONTES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SERGIPE

O NPSE publicou os dois catálogos acima. O volume I traz o levantamento de seis instituições de Sergipe, tendo por base 1.279 trabalhos inventariados entre monografias, seriados, referências legislativas e publicações oficiais. O volume II compreende o levantamento de fontes do Conselho Estadual de Educação

abrangendo atas, coletâneas, portarias, pareceres e resoluções. Mais informações: npse@sergipe.ufs.br.

OUTRAS FONTES

COLEÇÃO CINTA LARGA DA PROFESSORA CARMEN JUNQUEIRA – O Museu de Cultura da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP inaugurou no dia 17/8 um novo espaço, onde aconteceu, nos dias 18 e 19/8, uma exposição parcial da coleção da Profa. Carmen Junqueira, doada para o referido museu. Mais informações pelo fone (11)3670-8337 ou pelo fax (11)3670-8109.

PROJETO DE IMAGENS DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS

O Center for Research Libraries (CRL), da Universidade de Chicago, produziu imagens digitais de séries de publicações oficiais brasileiras, proporcionando desta forma o acesso a estes documentos via Internet. Estas imagens, segundo informe que recebemos de **Sílvia Brito** (roberto@galileu.ic.cti.br), abrangem os seguintes documentos:

- 1. Mensagens dos Presidentes de Província/Estado (1830 a 1930)** – acessando esta parte das imagens, diz Sílvia, encontrei mensagens disponíveis até o ano de 1889, mas o site encontra-se constantemente em construção.
- 2. Mensagens Presidenciais (1899 a 1993)** – inclui as mensagens anuais da Presidência da República no período em questão.
- 3. Relatórios Ministeriais (1821 a 1960)** – inclui séries de relatórios anuais dos ministérios, neste período. O acesso é por ministério, por ano, e, em alguns casos, por um índice temático.
- 4. ALMANACK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO (1844 a 1889)** – o Almanack foi publicado anualmente pela Corte Real entre 1844 e 1889. Relacionava os oficiais da Corte e dos ministérios. Eram incluídas também seções sobre os oficiais provinciais do Rio de Janeiro e ainda um suplemento que cobria um leque de informações, como dados do censo e propaganda comercial.

ENDEREÇO DO SITE DA UNIVERSIDADE DE CHICAGO:

<http://wwwcrl.uchicago.edu/info/brazil/pindex.htm>

OUTRAS FONTES SOBRE O BRASIL LOCALIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS

Segundo pesquisa do José Damiro (asterix@unicamp.br) há um site com notícias dos Jornais do Rio de Janeiro de 1888 a 1969 em que alguns temas estão recortados, mas que vale a pena conferir:

<http://www.alternex.com.br/~solidario/rj.html>

Também o Prof. Dr. David E. Tauro (dvetauro@vip2000.net) enviou-nos informação sobre site dos EEUU que contém informações sobre o Brasil:

<http://ciir2.cs.umass.edu/Govbot>.

FILOSOFIA NAS RUAS, NOS BARES, LIVRARIAS E EMPRESAS. ESTÁ DE VOLTA O HÁBITO DA REFLEXÃO

Este é o título de matéria de Álfio Beccari (abeccari@edglobo.com.br) em que noticia o sucesso da iniciativa da introdução no Brasil do CAFÉ FILÔ, em São Paulo.

A exemplo do que fez Marc Sautet no Café des Phares em Paris, desde 1992, a historiadora e jornalista Sônia Goldfeder trouxe para a Livraria Cultura, com a autorização de Sautet, a prática da filosofia dialogada. O primeiro Café Filosófico Brasileiro é comandado por Olgária Matos, da Universidade de São Paulo.

“A escolha não poderia ter sido mais feliz. Olgária, além de brilhante pensadora, sempre defendeu com entusiasmo a popularização desse tipo de debate, que teve sua origem na Atenas do século 5 antes de Cristo. “

Diz a professora que este é um momento no qual o pensamento tecnocrático é hegemônico, em que as determinações econômicas se impõem como única maneira de pensar e de ser.” Afirma a filósofa: “Todas as necessidades dos homens se reduzem a bens materiais. Vivemos num mundo de intolerância, de fragmentação política, de fundamentalismos religiosos e ódios étnicos. A filosofia chega bem a tempo, para evocar outros valores, sonhar outros sonhos, inventar outras razões para os homens poderem estar juntos. A palavra filosofia guarda em sua etimologia (do grego philo, amor, e sophia, sabedoria) a memória de seu significado originário. Se a filosofia é, antes de tudo, o amor pelo conhecimento, podemos concluir que a atual crise da cultura é uma crise da capacidade de amar.”

O Prof. Eduardo Chaves (eduardo@chaves.com.br), além dessa matéria sobre o Café Filô, enviou-nos o endereço de vários sites para navegar nessa área da Filosofia :

Filosofia para crianças : <http://www.cbfc.com.br>

Filosofia na escola : <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco>

Filosofia moderna para estudantes : <http://www.geocities.com/Athens/7880>

Filosofia para estudantes : <http://www.geocities.com/Viena/2809/espiritual.htm>

Sexta seção

Mensagens e Comunicações

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO "PAIDÉIA"

O Departamento de Filosofia e História da Educação e a Área Temática "História, Filosofia e Educação" da UNICAMP, aprovou a institucionalização do Grupo de Estudos e Pesquisas Paidéia. Trata-se da organização formal de mais esse grupo na área, juntamente com o HISTEDBR. Este novo grupo que se institucionaliza pretende desenvolver estudos e pesquisas no campo da Filosofia da Educação. A reflexão filosófica sempre esteve presente na pesquisa em Educação no Brasil. Desde as origens da Pós-Graduação em Educação no Brasil, a Filosofia da Educação sempre fez parte dos núcleos fundantes de formação do pesquisador constando essencialmente como disciplina e campo de investigação componente dos Fundamentos da Educação em quase todos os programas de pesquisa e formação de pesquisadores em Educação *stricto sensu* no Brasil.

A denominação do Grupo quer significar uma identificação histórica e conceitual da Filosofia com a Educação. A origem grega do conceito de paidéia, entendida como a busca do sentido de uma teoria consciente da educação e do agir do homem em sociedade, permanece como um ideal arquetípico para a Filosofia. Em sua constituição histórica a Filosofia tematiza de diversas maneiras e em diferentes tradições sistêmicas esta problemática fundante. Este tema emerge como uma questão central no mundo constituído dos homens e dele recebe um fundamento racional a partir do século IV a.C., quando Platão e Aristóteles debruçaram-se sobre a tarefa de justificar racionalmente a existência social do homem. Na pólis do séc. IV a.C. o conceito de "paidéia" superava a vinculação limitada à instrução da criança. Tratava-se de uma reflexão sobre a formação do homem para a vida racional na "pólis". Aplicava-se à vida adulta, à formação e à cultura, à sociedade e ao universo espiritual da condição humana. A construção histórica deste mundo da cultura atinge o seu apogeu no momento em que se chega à idéia consciente de educação. (Jaeger, Werner, Paidéia, Martins Fontes, 1986, 244-246).

Para a Coordenação do Grupo foi indicado pelos seus pares o Professor Pedro L. Goergen, e os professores César Nunes, Sílvio Gamboa e Eduardo Chaves ficaram encarregados das linhas de pesquisas integradoras do mesmo. O Grupo congrega 10 professores/pesquisadores do corpo docente permanente da FE-UNICAMP e mais dois professores convidados, além de credenciar os estudos (Mestrado e Doutorado) dos alunos regulares do Departamento.

Esperamos que a comunidade universitária apresente uma boa acolhida ao novo grupo de pesquisa e que este se articule na direção da relevância social do conhecimento e da ação institucional da docência e da pesquisa. Nós do HISTEDBR queremos parabenizar o nascimento do PAIDÉIA.

GRUPO DE TRABAJO – EDUCACION, TRABAJO Y EXCLUSION SOCIAL

Sob a coordenação dos pesquisadores Gaudêncio Frigotto e Pablo Gentili está sendo feito levantamento dos interessados em participar do referido grupo de trabalho que está constituído no âmbito do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). "O GT estará constituído por investigadores/as latinoamericanos/as que desarrollan actividades académicas em el area de

educación, trabajo y exclusión social o que, aun no realizando tareas de investigación em este campo, tienen interés em participar del mismo.”

A primeira **REUNION LATINOAMERICANA** do GT será realizada no **Rio de Janeiro, nos dias 08,09 e 10/12/99.**

Os interessados em participar do GT podem enviar os seguintes dados:

1) Nombre; 2) Institución a la que pertenece; 3) Proyecto de Investigación que actualmente desarrolla (título y, si posible, una reseña del mismo); 4) Dirección para correspondencia; 5) E-mail (de uso frecuente); 6) Teléfono y fax para contacto.

Para mais informações sobre CLACSO e seus grupos de trabalho consulte : www.clacso.edu.ar

Para envio de seus dados e outros materiais ao GT Educacion, Trabajo y Exclusion Social utilize os seguintes e-mails: pgentili@ax.apc.org / frigotto@uol.com.br / ghopstein@plugue.com.br

Este último pertenece à Graciela Hopstein que será gestora da rede. Graciela é mestre em educação pela UFF e Doutoranda pela UFRJ.

A EXPANSÃO DAS FONTES VIRTUAIS PARA A PESQUISA EM GERAL –

O informativo **El País** (de Madrid), que nos chega por intermédio de Miguel Somoza (somoza@arrakis.es) divulgou em seu número 1216 que 28% da produção de livros de consulta na Espanha são editados em CD-ROM, conforme informação do Diretor Executivo da Federacion de Gremios de Editores, Antonio Maria Ávila. Nos Estados Unidos são vendidas mais enciclopédias em CD-ROM do que em papel impresso. A iniciativa dos Editores da Enciclopédia Britânica de encerrarem a sua produção impressa em papel para editarem somente a sua versão eletrônica foi um fato surpreendente, considerando-se que ela foi uma das obras de consulta das mais solicitadas do mundo, com mais de 150.000 exemplares vendidos ao ano na Europa. Ao lado dessa expansão, produz-se, entretanto, um sistema de pirataria que ainda não foi desmontado. Essa situação fez com que os editores da Enciclopédia Britânica se recusassem a distribuí-la em versão eletrônica na Espanha, onde se identifica um amplo processo de uso irregular de fontes virtuais.

BOLETIN DE HISTORIA DE LA EDUCACION

Laura Manolakis, da Universidad Nacional de Quilmes, nos informa que é possível participar da publicação desse boletim, para o qual são aceitas colaborações em “castellano, portugues e ingles”. Para participar, comunique-se por fone (5411) 43657100/ por fax (5411) 43657101 ou por e-mail: lmanolak@unq.edu.ar

LETRA SIN SANGUE - este é o título de matéria publica por El País de Madrid no seu número 1216, em que se noticiou a abolição dos castigos corporais no sistema educativo da Inglaterra, o que tem provocado grande celeuma, conforme nos informa Miguel Somoza. Reproduz-se parte da matéria para que se possa avaliar o conteúdo desse debate do nosso ponto de vista:

“El castigo corporal está prohibido desde hoy em todos los colegios, públicos y privados, del Reino Unido. Es para felicitar-se, pero resulta sorprendente que el país considerado cuna de los derechos civiles haya tenido que esperar hasta ayer para que se suprimiera esse residuo de barbarie. Residuo que también subsistió hasta hace apenas 12 años em las escuelas públicas. Los colegios privados lograron em 1987 defender su supuesto derecho a aplicar los métodos educativos que quisieran, com el argumento de que aquellos niños estaban bajo su tutela por

libre voluntad de los padres, a sabiendas de cuáles eran sus reglas internas. Ahora, por fin, la mayoría laborista acaba con esta tradición que, lejos de constituir un signo distinguido de britanidad, como pretenden sus defensores, no es sino un brutal legado de violencia en las relaciones humanas. Una cosa es el debate revisionista sobre algunos aspectos de la escuela moderna - la reivindicación del papel de la memoria, por ejemplo, o del estudio del griego y el latín - y otra la idea pueril de que la "letra con sangre entra."

Tampoco hay que confundir el fracaso del antiautoritarismo radical propugnado en los setenta por algunos sectores pedagógicos con la defensa de que la autoridad del maestro sólo es posible mediante la violencia : el fracaso de esa idea si que está acreditado.

Que algo sea ultramoderno no garantiza que sea un avance, pero que sea tradicional, tampoco. Nada es tan tradicional como la ignorancia y el fanatismo, y ambos han retrocedido con la definitiva abolición del castigo corporal en las escuelas del Reino Unido".

NAS CANÁRIAS É IMPLANTADO EL SILBO COMO MATÉRIA OBRIGATÓRIA NA ESCOLA PRIMÁRIA E COMO OPTATIVA NO ENSINO SECUNDÁRIO.

El País de Madrid publicó matéria no seu número 1216, informando que o governo insular resgatou esta linguagem prehispânica utilizada na ilha de La Gomera como substituto do sistema fonológico convencional. Os antecedentes da regulação do ensino do silbo remonta a quase uma década, quando o próprio Conselho de Educação promoveu experiências com três silbadores que se converteram em monitores nas escolas. El silbo não constitui uma língua em si mesma, já que consiste em modular cada sílaba como um silbido. Para produzir os sons é utilizada a boca, os dedos introduzidos na boca, mudando a posição da língua, e as mãos fazendo uma caixa de ressonância.

Essa forma de comunicação muito utilizada pelos pastores e agricultores para se comunicarem a muitos quilômetros de distância, é encontrada também no norte da África, no México e na Turquia.

HISTEDBR - Boletim "História, Sociedade e Educação" é um informativo eletrônico com periodicidade mensal, do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Lançado em 10/05/1999, tem os seguintes objetivos: [instigar o debate no campo da História da Educação](#), [possibilitar uma interação entre os pesquisadores e profissionais da área](#) e [divulgar eventos, projetos e produções de interesse dos pesquisadores do Grupo HISTEDBR](#).

Coordenação do HISTEDBR:

- Dermeval Saviani (Coordenador Geral) - dsaviani@unicamp.br
- José Claudinei Lombardi (Coordenador Executivo) - zezo@unicamp.br

Comissão Editorial:

- José Carlos Souza Araújo jcaraujo@ufu.br
- José Claudinei Lombardi zezo@unicamp.br
- Maria de Fatima Felix Rosar rosar@dglnet.com.br

HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"
Faculdade de Educação - UNICAMP
Caixa Postal 6120
CAMPINAS - SP - CEP 13.083-970
Tel.: (019) 788-5554 - Fax: (019) 788-5576
Home Page: <http://fae.unicamp.br/html/histedbr/>
E-mail: zezo@unicamp.br
